

## A «Europa Sequestrada» e outras interrogações \_\_\_\_\_ Crítica de José-Luís Ferreira

Esta exposição de pintura recente de **Tereza Trigalhos** prossegue-se num conjunto de quadros em que tem vindo a construir uma saga de heróis particulares, *agora ligados ao nome Europa*, por um lado, e inspirados, por outro, *numa simbiose de mitos milenares que se misturam com preocupações subliminares contemporâneas* e, por sua vez, *criam fantásticas noções visionárias*.

O público da região de Sines tem, agora, a oportunidade de conhecer mais de perto o trabalho de uma talentosa pintora portuguesa de fôlego invulgar, que vem afirmando o seu mérito, na recuperação dos valores da espontaneidade criativa, assim construindo, com irrecusável firmeza, uma obra de notável beleza e sólida coerência evolutiva.

Desde a Veneza dos Doges, até ao mecenato pós-industrial (que hoje se exerce, tão tacanha e comprometidamente, controlado por *lobbies* das culturas massificadas), nem sempre se distingue facilmente aquilo que é verdadeiramente apreciável, pela sua natureza e qualidade, das propostas comuns mais vulgarizadas como frágil exemplo de moda.

Apesar de já detentora de merecida fama, Tereza Trigalhos não deve, só por isso, ser olhada como uma pintora erudita. A despeito de inserir-se num conjunto de nomes conhecidos e de se afirmar através do tratamento dos *temas fortes* que a interessam e vivamente inquietam, a sua pintura deverá ser entendida, sobretudo, pela criatividade sensitiva e espontânea que revela e pela inspiração sofregamente sugada do caos contemporâneo que ela vive emotivamente e transmite, através de um expressionismo gestual mitigado, que se não contém – pela sua extensão e significância – na dimensão variável dos seus quadros.

A sua intuição social, mítica e psichistórica (dominantemente acrónica e preconceptual) intima-a à invenção de estranhos personagens quase místicos, alegóricos, ou simbólicos, portadores da intensidade mágica de invulgares descobertas que – não sendo científicas – se revestem de um explosivo interesse estético, neste período tão crítico, de artes rupturais, ociosas, efémeras ou emergentes, como últimas afirmações em fim de século.

Pode afirmar-se, isso sim, que a pintura de Tereza Trigalhos adquiriu um estatuto intrínseco de invulgar genuinidade autoral, na tumultuosa vivacidade dos seus contornos espaciais, na dinâmica diagonal, nos *paralíticos* do movimento em que os actores das suas tramas oníricas prefiguram desempenhos aleatórios em dramas engendrados pela sua inesgotável fantasia.

O contraste que se verifica na linguagem pictural que desenvolve, entre a *representação simultânea* e a intranquilidade tempestiva (dominante nas suas atmosferas de fundo), é uma constante perceptível em todos os seus quadros, no cruzamento de imagens (coexistentes no mesmo plano), com a *dúplice intencionalidade, da agressão e do remorso, da autoperplexidade e do arrependimento* que correspondem, a um apelo deliberado à consciência trágica da vivência humana nos nossos dias.

A seminudez violenta das imagens selváticas, a aridez catastrófica dos espaços desumanizados, desurbanizados e desobjectualizados, nos quais institui o seu vocabulário plástico próprio, insinuam – como *flashes*, condicionados por uma realidade indesejável – a ênfase erótica da cor colectiva que penaliza as sociedades contemporâneas, observadas segundo a perspectiva da frustração epopeica, perante a pusilanimidade humana e a ignomínia da política universal.

Sobressai deste magnífico conjunto de trabalhos, na sua maioria iniciados e concluídos já este ano, uma inelutável preocupação íntima da autora. Neles enuncia as interrogações que os intrigantes **mitos de Europa**, abstractamente, lhe propõem, numa acepção peculiar.

Porque, para ela, aquilo que está em causa não é, em exclusivo e *definitivamente*, a *Europa actual*, mas a *eternidade mítica do seu nome*. Um nome indissociável do passado milenar desconhecido, anterior e coevo do calendário gregoriano, a que acresce um vago e indelével sentido premonitório quanto ao futuro optimista de uma Humanidade, distraída de si mesma, pelo ruído do seu próprio progresso, aparentemente incapaz de sintonizar o silêncio, para meditar, reflectir e sonhar de novo.

Caramulo. 1999-05-31